

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Revista do Brasil Class.: \_\_\_\_\_

Data: 29/11/87 Pg.: \_\_\_\_\_

**Malária ameaça 1,8 mil índios em garimpo no Pará**

A falta de um controle eficaz da malária na área indígena Munduruku, localizada no município da Itaituba, Oeste do Pará, é uma ameaça à sobrevivência dos cerca de 1,8 mil índios que vivem às margens do Rio Cururu. Uma equipe médica da Funai e da Força Aérea Brasileira (FAB) deslocada à região, na semana passada, constatou a ocorrência da doença em 60% dos testes de amostragem realizados. Os sanitaristas identificaram os garimpos de ouro explorados pelos índios, como sendo o principal foco de proliferação da malária.

Conforme o capitão-médico da FAB, Rubens Costa Marcelino, a água empoçada nos garimpos propicia o desenvolvimento do mosquito transmissor da doença. Apesar do empenho da equipe de saúde em tratar dos casos de malária na reserva, o Governo não tem meios eficientes para erradicar a doença nesta área indígena, uma vez que os garimpeiros não constroem habitações permanentes, onde os técnicos da Sucam possam borrifar o inseticida. A alternativa seria a petrolização das poças d'água, que é uma medida altamente dispendiosa e de pouca eficiência, por que vários buracos são abertos constantemente, explicou o médico. Ele disse que a doença se manifesta com sintomas semelhantes aos de uma gripe forte

e se não tratada a tempo pode levar à morte. Contra a malária não existe vacina e o tratamento é feito com remédios à base de quinino, mas o vírus da doença pode ficar encubado no organismo humano, voltando a se manifestar vários anos depois. Conforme o capitão, o remédio mais eficiente no combate à malária é uma droga resultante do aprimoramento do quinino, chamada "mefloquina", utilizada em larga escala nos países asiáticos. O Brasil apesar de ter um dos maiores índices mundiais de incidência da malária, ainda não liberou a "mefloquina" para o atendimento à população estando o remédio em fase de pesquisa científica.

Mesmo tendo sido identificado a presença de malária na reserva Munduruku, a Funai não tem registro de mortes causadas pela doença, mas o cacique da aldeia Karup disse que a malária maltrata principalmente as crianças e que duas já morreram. Se a luta da Funai e da FAB no combate à malária junto aos índios Mundurukus tem apresentado fracos resultados, o mesmo não acontece com outras doenças que ocorriam na região, como a tuberculose. Entre os anos de 1971/1972, 60% dos índios estavam tuberculosos e através de uma campanha de vacinação a doença foi erradicada.